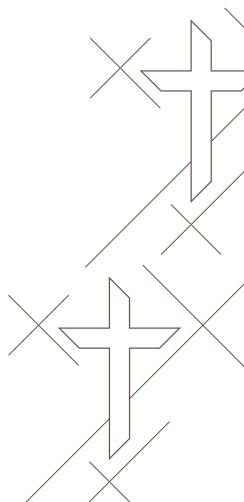


A CRUZ

A IMAGEM DO
SER HUMANO REDIMIDO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Grün, Anselm

A cruz: a imagem do ser humano redimido / Anselm Grün; tradução de Monika Ottermann. – 2. ed. - São Paulo: Paulus, 2022.
Coleção Espiritualidade cotidiana.

ISBN 978-65-5562-576-9

Título original: Das Kreuz: Bild des erlösten Menschen

1. Redenção 2. Jesus Cristo - Crucificação 3. Santa Cruz 4. Arte e simbolismo cristãos I. Título II. Ottermann, Monika

22-1589

CDD 234.3

CDU 232.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Redenção

Coleção **ESPIRITUALIDADE COTIDIANA**

Autor: Anselm Grün

- *Espiritualidade e a arte de viver*
- *O que você pensa sobre a religião? 75 respostas*
- *A cruz: a imagem do ser humano redimido*

ANSELM GRÜN

A CRUZ

A IMAGEM DO
SER HUMANO REDIMIDO



Título original: *Das Kreuz: Bild des erlösten Menschen* – 8ª edição, 2008
© Vier-Türme GmbH, Verlag, D-97359 Münsterschwarzach, 1996
ISBN 978-3-87868-574-6

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Direção editorial: *Pe. Sílvio Ribas*

Coordenação da revisão: *Tiago José Risi Leme*

Coordenação de arte: *Danilo Alves Lima*

Capa e projeto gráfico: *Elisa Zuigeber*

Imagem de capa: *iStock*

Impressão e acabamento: **PAULUS**



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televidas: **(11) 3789-4000 / 0800 016 40 11**

2ª edição, 2022

© **PAULUS** – 2022

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)

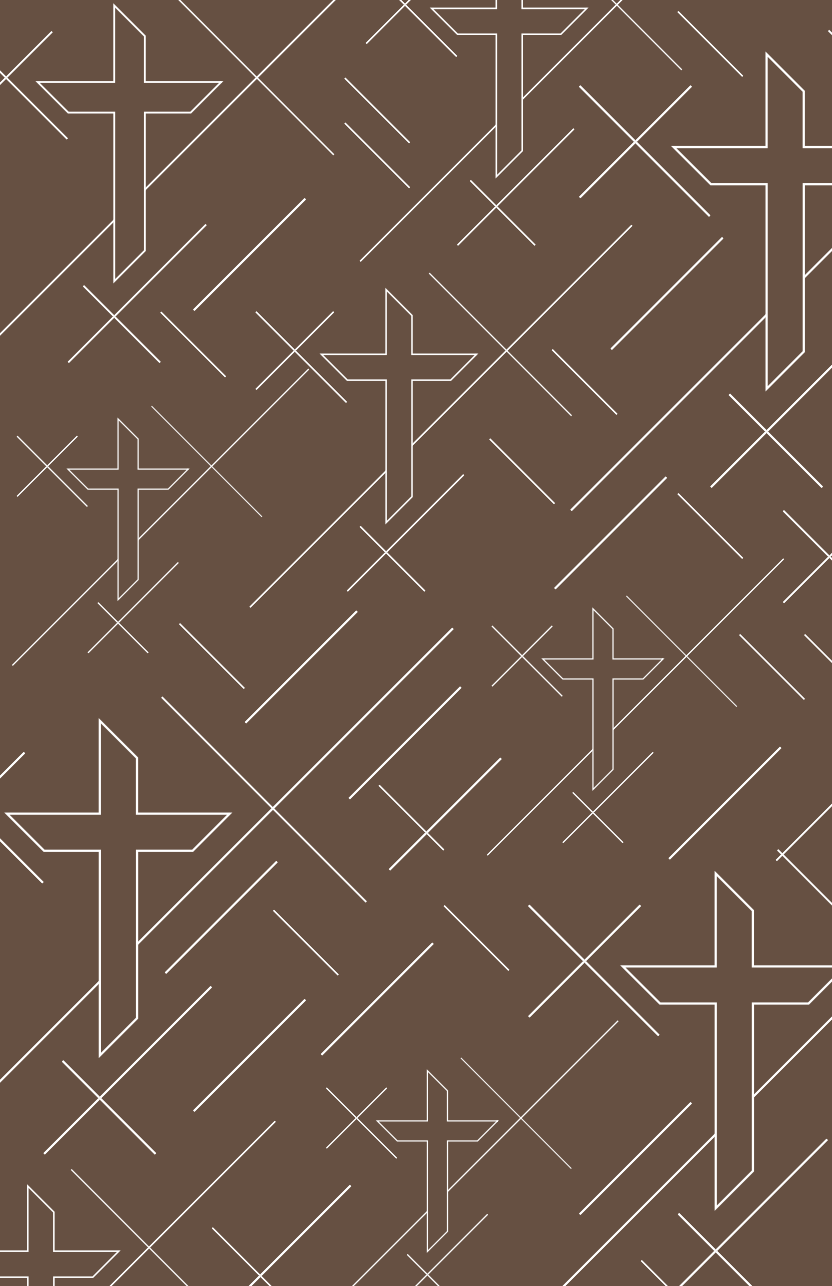
Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-576-9

SUMÁRIO

Introdução	7
I. O símbolo da cruz	13
• A crucificação de Jesus	14
• A cruz como sinal universal de salvação	17
• O sinal da cruz	17
• A representação da cruz e do Crucificado	35
II. O significado da cruz no Novo Testamento ...	41
• A força e sabedoria de Deus – Paulo	41
• O sinal da salvação – Marcos, Mateus e Lucas	46
• A plenificação da encarnação – João	51
III. A interpretação da cruz em Karl Rahner	57
• O lugar da redenção	59
• O distintivo da existência cristã	78
• O sinal do verdadeiro humanismo	86
IV. Outras tentativas de interpretação da cruz	95
• Uma resposta a perguntas existenciais – Paul Tillich	95
• A divindade de Deus revela-se – Jürgen Moltmann	101
• Um caminho da individuação humana – C. G. Jung	109
V. A cruz hoje	125
• Um protesto contra o esquecimento do sofrimento	127
• Uma imagem do verdadeiro ser humano.....	137
• Um protesto contra toda absolutização.....	146
Conclusão	153



INTRODUÇÃO

Certa vez, num congresso de terapeutas em Basileia, ministrei uma conferência sobre ritos e rituais sanadores. Depois de uma introdução, pratiquei com os participantes o sinal da cruz. De repente, uma senhora reagiu de modo muito emocional e me perguntou como eu poderia ousar praticar um rito cristão com pessoas que não eram todas cristãs. Fiquei assustado com a agressividade dessa acusação, tanto mais porque eu tinha certeza de que provavelmente qualquer monge budista poderia ter apresentado um rito budista, sem nenhum questionamento. Todo mundo teria participado, sem problema. Por que pessoas reagem com tanta agressividade a rituais e símbolos cristãos e, especialmente, ao símbolo da cruz? Posso entender que, em suas biografias, foram machucadas por esses símbolos e sua interpretação muitas vezes unilateral. Mas parece que fica cada vez mais difícil, numa sociedade multicultural, apresentar símbolos cristãos sem confrontar-se com preconceitos.

Muitas pessoas acusam o cristianismo de ter glorificado o sofrimento unilateralmente, através do símbolo da cruz. Dizem que não faz bem para a alma ser confrontada, por meio da cruz, com os lados desagradáveis da vida, e que as imagens sanadoras no budismo ou hinduísmo, as imagens do sol e da lua, imagens da criação e imagens da dança alegre são muito mais agradáveis. A cruz provoca as mentes, hoje, provavelmente da mesma maneira que há dois mil anos, quando os cristãos ousaram colocar no centro a cruz, que, para os romanos, era o sinal da pena de morte mais cruel conhecida na Antiguidade. No entanto, com o símbolo da cruz, os cristãos pensaram não só no sofrimento de Jesus, mas tematizaram com esse símbolo também as saudades e anseios mais profundos dos seres humanos e que estavam vinculados com a cruz. De fato, em muitas religiões, a cruz tinha se tornado o símbolo primordial da salvação. No Egito, na Índia, na Pérsia e em muitas outras culturas e religiões, a cruz, que une todos os opostos, era um símbolo da união de todos os opostos e, por conseguinte, um símbolo da salvação.

Ao entender, já no século I, a cruz cada vez mais como o distintivo e o sinal da fé em Jesus Cristo,

os cristãos relacionaram com a cruz duas ideias principais. Uma era a transformação, a valoração nova e diferente de todos os valores por Jesus Cristo: sendo verdade que o Filho de Deus morreu na cruz, então ele inverteu todos os valores humanos e transformou o sinal da mais profunda vergonha em sinal de vitória. Para os cristãos, a cruz era um sinal de esperança: não há sofrimento que não possa ser superado, não há desespero que não possa ser convertido, não há trevas que não possam ser transformadas em luz, nem sofrimento que não possa ser transformado em nova vida. Portanto, a cruz era um sinal de esperança justamente num mundo ameaçado por sofrimento e aflição. Além disso, os cristãos adotaram as ideias de outras religiões que viram na cruz um sinal de salvação: céu e terra, luz e trevas, Deus e ser humano são vinculados entre si. Aquilo que outras religiões viram na cruz – assim pensavam os cristãos daquela época – cumpriu-se na morte de Jesus na cruz e em sua ressurreição. Nesses eventos, Deus desceu para as mais profundas trevas; todo sofrimento foi transformado, e toda fraqueza foi convertida em força indestrutível.

Num tempo em que também na Europa cada vez mais pessoas já não entendem os símbolos cristãos, em que o cristianismo e o islã procuram um novo

diálogo e uma nova convivência, em que judeus e cristãos se aproximam uns dos outros, é importante refletir sobre a cruz de modo novo e diferente. Afinal, a cruz tornou-se o símbolo cristão por excelência. Tantas vezes a cruz causou a divisão entre judeus, cristãos e muçulmanos. Ela poderia ser também um símbolo que possibilita uma nova coexistência, mas, para isso, ela precisará de uma interpretação diferente daquela que círculos fundamentalistas continuam usando como arma contra pessoas de outra fé.

Há quase trinta anos venho dedicando boa parte do meu trabalho teológico à cruz. Já durante meus estudos de Teologia, fascinou-me a pergunta: por que veneramos a cruz com tanta intensidade, por que vinculamos nossa redenção justamente à cruz? Por isso, escrevi minha dissertação de licenciatura sobre a redenção pela cruz na perspectiva do teólogo evangélico Paul Tillich. E na minha tese de doutorado, pesquisei o mesmo tema em Karl Rahner. Também me lembro bem da longa conversa com Karl Rahner, na qual perguntei sobre sua visão acerca da cruz e da redenção pela cruz. Nessa conversa, tocamos temas essenciais da vida humana: a pergunta sobre como a vida pode dar certo, como lidamos com o sofrimento – com o sofrimento pessoal que se abate sobre nós e

com a questão do sofrimento do mundo inteiro, que nos confronta cada vez mais em catástrofes da natureza ou atos terroristas. A pergunta da cruz leva-nos a temas essenciais de nossa existência humana, à pergunta sobre como lidamos com nossa fragilidade, com nossa imperfeição e com nosso dilaceramento interior.

A tese de doutoramento está esgotada, e não vale a pena pensar numa nova edição. Mas muitas conversas sobre o significado da cruz acabaram por motivar-me a apresentar alguns pensamentos da minha tese de modo compreensível num pequeno livro de divulgação. Neste livro, abordarei menos o tema teológico da redenção, sobre o qual já publiquei outro livrinho (*Imagens bíblicas de redenção*, MKS 81), mas me concentrarei no significado teológico, psicológico e simbólico da cruz. O que nos diz a cruz que colocamos como decoração em nossas casas, que penduramos em nossos peitos, com a qual nos benzemos cada dia e que traçamos também como bênção sobre outras pessoas? Neste livrinho, eu gostaria de animar para uma nova reflexão teológica e espiritual sobre a cruz, para que possamos lidar de modo mais consciente com as muitas cruces que vemos em nosso cotidiano.